

As "Trocinhas" do Bom Retiro¹

*Contribuição ao Estudo Folclórico e Sociológico da
Cultura e dos Grupos Infantis*

Florestan Fernandes

Prefácio

O folclore, durante tanto tempo abandonado aos amadores, seus únicos estudiosos, tornou-se hoje uma ciência, que tem suas regras, seus métodos, e que exige de quem a estuda qualidades especiais. Ninguém mais fez, para transformar o folclore em ciência, que Mário de Andrade. Hoje, ergue-se uma plêiade de jovens pesquisadores, dos quais muito se pode esperar. Entre eles: Florestan Fernandes.

O domínio que ele aborda, no estudo que se segue, é um domínio bastante negligenciado, o do folclore infantil. E é preciso reconhecê-lo: há entre o mundo dos adultos e o das crianças como que um mar tenebroso, impedindo a comunicação. Que somos nós, para as crianças que brincam ao nosso redor, senão sombras? Elas nos cercam, chocam contra nós; respondem às nossas perguntas, num tom de condescendência, quando fingimos interessar-nos por suas atividades; mas sentese, perfeitamente, que, para elas, somos como os móveis da casa, parte do cosmos exterior, não pertencemos a seu mundo, que tem seus prazeres e seus sofrimentos. E nós, os adultos, vivemos também dentro de nossas próprias fronteiras, olhamos as crianças brincar, repreendemo-las quando fazem muito barulho, ou, se deixamos cair sobre seus divertimentos um olhar amigo, não é para eles que olhamos, mas, através deles, para as imagens nostálgicas de nossa infância desaparecida.

1. Trabalho escrito em 1944, para o concurso "Temas Brasileiros", instituído pelo Departamento de Cultura do Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ganho pelo autor no âmbito da Seção de Ciências Sociais; publicado, posteriormente, com prefácio de Roger Bastide, pela *Revista do Arquivo Municipal*, n. CXIII, Departamento de Cultura, São Paulo, 1947 (p. 7-124). (N. da E.) Trecho transcrito do Capítulo 2 do livro *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*, 2. ed., revista pelo autor, Petrópolis: Editora Vozes, 1979, p. 153-175 e Referências Bibliográficas p. 256.

A obra completa de Florestan Fernandes está sendo preparada para republicação na íntegra. Este fragmento é uma reprodução autorizada.

Para poder estudar a criança, é preciso tornar-se criança. Quero com isso dizer que não basta observar a criança, de fora, como também não basta prestar-se a seus brinquedos; é preciso penetrar, além do círculo mágico que dela nos separa, em suas preocupações, suas paixões, é preciso viver o brinquedo. E isso não é dado a toda a gente. O primeiro mérito do trabalho de Florestan Fernandes é que ele é o resultado de uma observação que começou por uma interpretação profunda; o autor fez parte da grande conjuração das crianças.

Na nota explicativa, que abre este trabalho do folclore infantil, podemos ler estas significativas linhas. “O presente estudo tem uma particularidade: é ao mesmo tempo uma contribuição à sociologia e ao folclore.” Florestan Fernandes se desculpa, pelo que eu lhe rendo, ao contrário, meus cumprimentos.

O folclore é uma cultura; ora, não se pode compreender a cultura, separando-a do grupo social que ela exprime. Estamos entre os que acham que a descrição pura e simples do material, a pesquisa das fontes e das origens não são suficientes, porque o folclore tem uma função e uma vida, ele representa um papel. Por conseguinte, querendo penetrá-lo, em lugar de permanecer na crosta exterior das sobrevivências do passado, é preciso recolocá-lo num meio social. O folclore não é uma simples curiosidade ou um trabalho de erudição, é uma ciência do homem – não deve portanto esquecer o homem, ou melhor, neste caso, a criança que brinca.

É por isso que as duas partes deste trabalho, os grupos infantis e o folclore infantil no Bom Retiro, não devem ser consideradas como duas partes justapostas; elas formam uma unidade orgânica. É o estudo das “trocinhas”, de sua linguagem, de seus ritos de expulsão ou de iniciação, de suas cerimônias, de suas estruturas, que explica os caracteres próprios do folclore, que vive nessas “trocinhas”. Notar-se-ão páginas muito sugestivas, em que Florestan Fernandes critica a teoria da imitação dos adultos pelas crianças, no brinquedo como “papai e mamãe” – ou ainda aquelas sobre o papel de assimilação dos imigrantes, das rodas e dos brinquedos que confirmam aliás as precedentes. Se a cultura infantil se fizesse sobretudo pela mãe preta ou pelos pais estrangeiros, a obra do sincretismo seria muito mais forte do que é. Tudo isso só se pode compreender pelos caracteres do grupo infantil, que constitui um grupo mais ou menos fechado, de interrelações próprias, e tradicionalista.

Esse tradicionalismo, nota-se nas últimas páginas deste trabalho: os cânticos infantis são de antigos romances hispânicos ou portugueses. E sabe-se que se poderia ir ainda mais longe, porque além das palavras há gestos, e a criança continua, em nossos dias, em seus brinquedos de “cara ou coroa”, os antigos ritos de adivinhação, assim como nas rodas, no balanço, na cabra-cega, as cerimônias giratórias da mais alta antiguidade. Mas as significações antigas desapareceram, e, agora, aqui, se quisermos compreender as novas funções do folclore infantil, precisare-

mos estudar o grupo de brinquedo como grupo social, sua natureza e seu papel. Como se vê, se, de um lado Florestan Fernandes pôde escrever, com justa razão, que o estudo folclórico lhe serviu “de modo subsidiário ou fundamentalmente ao estudo sociológico” a recíproca não é menos verdadeira: é o estudo sociológico, que esclarece o folclore.

Temos necessidade de que se multipliquem as pesquisas deste gênero. Que não se tema esclarecer uma ciência pela outra. Os amantes da pureza lastimar-se-ão, talvez os amantes da realidade objetiva só terão a ganhar com isso. E, agora, deixemo-nos guiar por Florestan Fernandes, esse guia seguro e amigo, nesse mundo das “trocinhas”, das meninas brincando de roda, dessas crianças das ruas populares, reunidas em bandos, após a escola, nos suaves crepúsculos dos bairros paulistanos.

Roger Bastide

I – Nota Explicativa

Poucos trabalhos precisarão, como este, de uma nota explicativa à guisa de introdução. Mas, de uma verdadeira nota explicativa, destinada antes ao esclarecimento de certas questões não apresentadas no texto, que à discussão de problemas teóricos fundamentais. Isto também seria importante. Mas, como escapa às necessidades do trabalho, em conjunto, pareceu-me oportuno deixá-la de lado.

O presente estudo tem uma particularidade: é, ao mesmo tempo, uma contribuição à sociologia e ao folclore. Este, porém, é um motivo mais para apreensões que para outra coisa qualquer. Porque, se o estudo do folclore brasileiro está precisando de uma renovação² – tanto no campo dos métodos quanto nas esferas da sistematização e explicação científicas – a utilização concomitante dos dois pontos de vista, um sociológico e outro folclórico, num mesmo trabalho, pode suscitar confusões, apesar das íntimas conexões eu ligam o segundo ao primeiro. O duplo aspecto desta contribuição ao estudo do folclore e dos grupos infantis, todavia, originou-se das próprias imposições do material recolhido, sistematizado e analisado. Eis aqui a principal razão de ser desta nota explicativa.

2. O estudo dos elementos do folclore brasileiro como padrões costumeiros de comportamento, em relação concreta com a conduta individual, é bastante recente entre nós, datando de *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freire. Anteriormente, em escala microscópica, apenas Sílvio Romero, em alguns ensaios, e Euclides da Cunha, em certos trechos de *Os Sertões*, fizeram alguma coisa nesse sentido. O desenvolvimento da sociologia e da antropologia, no Brasil, criará as condições necessárias ao aproveitamento mais amplo e racional do material folclórico, colhido em pesquisas de campo, pelos cientistas sociais.

Em 1941, na qualidade de aluno regular do cursos de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, realizei para a Cadeira de Sociologia I, a cargo do professor Roger Bastide, uma pesquisa sobre o folclore paulistano. Embora trabalhasse nessa pesquisa durante todo o ano, a coleta propriamente intensiva foi levada a efeito depois de maio até o fim do ano. Colhi material sobre: folclore infantil, cantigas de ninar e de acalanto, cantigas de piquenique, brinquedos de salão, respostas, ou melhor, jogo de pulha entre adultos, alguns contos, lendas e fábulas, adivinhas populares, sonhos (apenas as interpretações de cunho mágico), superstições, ditos e provérbios³. Pouco a pouco, porém, à medida que a experiência do trabalho de campo me esclarecia melhor e que fui me interessando por certos problemas e por certas questões, preferivelmente, restringi-me à coleta de elementos do folclore infantil e, por meio deste, ao estudo dos grupos infantis conhecidos como “trocinhas”.

Verifica-se, por aí, que não comecei a trabalhar, diretamente, no campo do folclore infantil. Por isso, não tinha nenhum plano de pesquisa quando surgiram os primeiros problemas suscitados pelo estudo do material recolhido. A simples constatação de que elementos do folclore infantil paulistano tinham origens remotas, no folclore português e castelhano, parecia-me insuficiente. Pois era, de fato, mais um ponto de referência para novas indagações, do que o coroamento da análise teórica do referido material. Isso, é claro, levou-me a alargar o campo de trabalho: foi assim que passei do estudo do folclore infantil ao dos grupos infantis das “trocinhas”. Em poucas palavras, o conhecimento puro e simples do mecanismo de desenvolvimento interno dos fatos folclóricos, do ponto de vista exclusivo do folclore, revelou-se incompleto, e assim a análise dos conteúdos culturais implicou, naturalmente, no estudo das formas sociais correspondentes. Enquanto o primeiro *approach* era exclusivamente folclórico, o segundo deveria ser predominantemente sociológico. Em todo caso, um não excluía o outro. Ao contrário, todo trabalho preliminar, de natureza folclórica, serviu de modo subsidiário ou fundamentalmente ao estudo sociológico da cultura e dos grupos infantis. Neste sentido restrito pode-se, mesmo, falar na utilização do folclore como um método de trabalho.

Ao redigir o presente ensaio, procurei aproveitar amplamente o trabalho anterior, de folclore propriamente dito. Isto pareceu-me conveniente para comprovar, fundamentando-as objetivamente, as conclusões a que cheguei no estudo da cul-

3. Aproveitando esse material, escrevi alguns artigos para a revista *Sociologia*, “Folclore e Grupos Infantis”, vol. IV, n. 4; “Educação e Cultura Infantil”, vol. 5, n. 2; “Elementos Mágicos do Folclore Paulistano”, vol. VI, n. 2 e 3. Uma boa parte do material recolhido, dos problemas da pesquisa e das conclusões a que cheguei, foram expostos, no ano passado, no Seminário de Métodos e Técnicas de Pesquisas Sociais, dirigido pelo professor Donald Pierson, da Escola de Sociologia e Política.

tura e dos grupos infantis. Por isso, a peculiaridade deste trabalho tem suas causas e não repousa sobre preferências pessoais ou arbitrárias. Além disso, existe, neste trabalho, um liame muito forte entre as duas partes ou, em termos mais gerais, entre os dois pontos de vista, o qual é representado pelas próprias necessidades analíticas da pesquisa.

Durante o período de trabalho de campo, observei e estudei “trocinhas” nos bairros do Bom Retiro, Lapa, Bela Vista, Brás e Pinheiros. Graças à amizade de algumas crianças, o material relativo às “trocinhas” do Bom Retiro é mais completo. A coleta de dados foi feita exclusivamente por meio da observação direta. A descrição fiel das ocorrências é a técnica mais adequada em pesquisas deste gênero. Permite-nos não só a obtenção dos vários elementos do cancionário literário – no caso as diversas composições do folclore infantil – como facilita, extraordinariamente, o estudo da vida social dos imaturos nos grupos infantis. Após a observação minuciosa e prolongada de algumas “trocinhas”, o pesquisador fica habilitado a compreender certos aspectos do comportamento dos imaturos em seus próprios grupos sociais, desenvolvimento de sua personalidade, obediência a determinadas regras, etc., que comumente escapam aos adultos em geral e aos pesquisadores mais afoitos ou menos treinados. As possibilidades de revisão e de controle dos dados assim obtidos são muito grandes. Utilizei-me, nesse mister, sempre dos meninos e meninas dos grupos estudados, com os quais tinha amizade. Mesmo quando pertencentes a outras “trocinhas”, a sua opinião e as suas críticas são valiosíssimas. Esta colaboração com os pesquisados, por seu lado, criou muitas vezes condições favoráveis ao entabulamento de conversas mais ou menos demoradas com os membros das “trocinhas”. É óbvio que, no caso, essas conversações constituem verdadeiras e completas entrevistas. Quando existem possibilidades de orientá-las, como verifiquei, permitem elucidar muitos pontos importantes, como: folguedos prediletos, papéis e interesses dos imaturos nas “trocinhas”, relações dos membros de uma “trocinha” entre si e com os de outras “trocinhas”, grau de consciência grupal, de lealdade aos grupos, etc. Relativamente à anotação de dados estatísticos, obtive material sobre: a) os membros das “trocinhas” do Bom Retiro, conseguindo saber a nacionalidade dos pais, *status* social da família, relações no grupo vicinal, número de membros das “trocinhas”, contribuição para sua manutenção, existência de equipes de futebol, etc.; b) os folguedos e a participação de “trocinhas” por crianças brasileiras e descendentes de japoneses, nas ruas Miguel Isasa, Bartolomeu Zunega e Fernão Dias, em Pinheiros; c) a participação de brancos e negros nos grupos infantis da Bela Vista. Os elementos folclóricos exigem, ainda, um estudo complementar “de gabinete”: de determinação de fontes. De acordo com as necessidades da pesquisa que efetuei, bastaria a determinação das fontes imediatas. Por isso, não prolonguei a análise temática ou formal além do folclore ibérico – do folclore português e do folclore castelhano.

O presente trabalho não contém, todavia, todos os dados recolhidos nos diversos bairros pesquisados. Restringi-me às “trocinhas” do Bom Retiro, que puderam ser estudadas com maior rigor científico. Redigido há dois anos, foi apresentado no primeiro semestre de 1944 ao concursos “Temas Brasileiros”, instituído pelo Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo⁴, tendo merecido, por decisão do professor Roger Bastide, o prêmio relativo à seção de Ciências Sociais. Depois disso, a publicação de novos livros sobre o folclore infantil, os estudos recentes de psicologia social e de antropologia cultural sobre o comportamento dos imaturos e a possibilidade de consultar outras fontes antigas, de que não dispunham na época, sobre os grupos infantis em São Paulo, indicavam-me a necessidade de refundir o trabalho. Não o fiz, contudo, porque tenciono publicar, futuramente, dois estudos mais desenvolvidos, um sobre o folclore infantil paulistano e outro sobre as “trocinhas”. Este trabalho tem o caráter de uma simples contribuição parcial; não vejo, pois, inconveniente em publicá-lo como o redigi, há dois anos atrás. A própria distribuição da matéria e a redação, que hoje eu modificaria profundamente, ficam como estavam. A única alteração consiste na supressão de uma longa introdução sobre o folclore⁵, que não tinha razão de ser.

Como contribuição ao estudo do folclore infantil, além disso, o presente trabalho, e outros estudos sobre o mesmo tema que estou fazendo, constituem uma séria confirmação – pelo menos quanto aos textos dos elementos do cancionário literário – de uma velha hipótese formulada por Mário de Andrade, a respeito da origem portuguesa das composições do folclore infantil brasileiro. Quanto ao tipo melódico, o próprio Mário de Andrade fez uma análise satisfatória – embora incompleta – que evidencia a influência européia e particularmente portuguesa nas rodas infantis brasileiras.

Devo agradecer, pela colaboração prestada na coleta e revisão dos dados sobre as “trocinhas” do Bom Retiro, à Nilda Mezzarana e seus irmãos Orlando e Alberto, a cujo auxílio devo parte do êxito que a pesquisa possa ter; e também agradeço as notas, as novas fontes indicadas e as sugestões do professor Roger Bastide. Ao professor Emílio Willens sou grato por algumas sugestões que me fez, em 1942, relativamente ao aproveitamento do material sociológico, e ao professor Fernando de Azevedo, pelo estímulo que representou o apoio inesperado que me deu e pelas críticas aos dois artigos publicados sobre o assunto na revista *Sociologia*, as quais

4. Por iniciativa do sr. José Aderaldo Castelo, então diretor do Departamento de Cultura do Grêmio da Faculdade de Filosofia.

5. Os principais dados contidos nessa introdução forneceram o material para um artigo – “Sobre o Folclore” – publicado em *Filosofia, Ciências e Letras*, n. 9, 1945 (número este que deveria sair em 1943...).

foram de grande utilidade mais tarde, quando procedi à revisão das conclusões a que chegara.

*São Paulo, 1946.
Florestan Fernandes*

II – Os Grupos Infantis

Para facilidade de trabalho, tomamos o termo infantil numa acepção um pouco ampla, envolvendo nessa designação os imaturos em geral. Entretanto, precisamos esclarecer que não vamos analisar todos os tipos de grupos infantis, mas apenas os grupos formados nas ruas, que muitas vezes as crianças chamam de “trocinhas”. Veremos, adiante, em que consistem essas trocinhas.

Por enquanto, salientaremos que há outros tipos de grupos infantis, que podem ser constituídos também nas ruas (entre menores de 4, 5 e 6 anos), em que não há uma consciência grupal definida e muito menos consistente; grupos de recreio entre as crianças que freqüentam a escola, cujas atividades são limitadas pelos laços congêniais e às vezes orientadas pelos adultos; os grupos infantis dos *play-grounds*, etc. Esses grupos não foram objeto de estudo, de nossa parte. Chegamos à análise do grupo infantil através da pesquisa de folclore que efetuamos e, por isso, limitamos essa análise mais propriamente às “trocinhas”, grupos constituídos por imaturos, tendo por finalidade imediata a recreação.

1) A Formação das “Trocinhas”

As “trocinhas” estão condicionadas ao desejo de brincar – à recreação, como os demais tipos de grupos infantis. Suas atividades, todavia, excedem aos limites da recreação em si mesma, assumindo aspectos diferentes as relações entre os seus componentes e destes relativamente ao seu grupo e as relações das diversas “trocinhas” entre si.

A condição básica para a formação das “trocinhas” é a vizinhança. A contigüidade espacial das famílias facilita a síntese social dos indivíduos, embora não a crie. Por isso, a “trocinha” apesar de sua existência independente, como grupo que é, ainda se liga à vontade do adulto. Com a mudança deste, o membro imaturo do grupo vê-se na contingência de tentar sua integração noutra “trocinha”. E isto, às vezes, é fatal, pois esse membro, sendo um líder, sua ausência pode acarretar o desaparecimento, ainda que momentâneo, do grupo. Foi o que verificamos, por exemplo, num dos grupos de meninas da rua da Graça. Decorridos apenas seis meses após nossa pesquisa, observamos que as reuniões das crianças eram menos freqüentes, chegando, mesmo, a desaparecer durante algum tempo. Uma das meninas, respondendo à nossa pergunta, disse que o motivo essencial fora a mu-

dança de uma companheira, possivelmente a líder do grupo. Com a mudança posterior de outro membro, a situação do grupo tornara-se ainda mais precária: “Angelina foi embora. Não tem mais graça. Ainda quando havia a Edite, sim.” Entretanto a “trocinha” resistiu, o que prova que pode colocar-se acima dos indivíduos que a constituem.

O papel da vizinhança é importantíssimo, pois condiciona os contatos entre os indivíduos. Mas não é a causa, propriamente dita, da interação.

Aqui aparece o fator recreação, o qual está inteiramente unido ao elemento tradicional e parece constituir a causa ou motivo da formação desses grupos infantis. Inicialmente, as crianças podem reunir-se só para brincar. Depois, pouco a pouco, os contatos vão criando um ambiente de compreensão comum e de amizade recíproca, manifestando-se a consciência grupal pela intolerância para com os estranhos ao grupo. Nesta fase inicial da formação do grupo tem particular importância os jogos e as rodas infantis. À medida que os contatos se estreitam e se desenvolve a unidade do grupo, as atividades tomam outra direção. As meninas começam a brincar de “Bom dia, meu Senhorio”, etc., mas, pouco a pouco, passam a brincar de “casinha”, “comidinha”, “papai e mamãe”, acabando por se introduzirem, nesta fase, uma nas casas das outras, em cujo quintal geralmente brincam de “casinha”, etc.⁶

Os meninos, por seu lado, passam dos jogos para o “bate-bola” (quando não começam por aqui mesmo) e acabam formando um “timinho”⁷.

Este dura quase sempre muito pouco. É reorganizado, sofrendo altos e baixos, conforme os lugares; à custa de disputas com as equipes de outras “trocinhas” das redondezas, acaba se firmando e deixa de ser chamado infantil da rua X ou a “troça” X, ou da “troça” da rua X, para receber um nome: *Infantil Estrela*, etc. (ou juvenil, ou o que seja), sendo assim reconhecido pelos seus membros e pelos das “trocinhas” rivais.

Todavia, a importância dos brinquedos de roda e dos jogos na formação das “trocinhas” não diminui. Por isso, justamente, os fatos folclóricos podem ser considerados as causas ou motivos, indiretos que sejam, desses agrupamentos, já que essas rodas e esses jogos são elementos do folclore infantil do grupo.

Mesmo os agrupamentos posteriores das meninas ainda permanecem dentro do plano do folclórico, porque os brinquedos que as agrupam dentro de casa, mais intimamente (“mamãe”, “casinha”, etc.), são também de cunho tradicional. Os meninos fogem um pouco – com o futebol, a natação, etc. – dos contatos regulados por fatores de natureza folclórica, mas diariamente voltam a brincar de

6. Note-se que esta parte de nossa pesquisa abrange apenas algumas famílias pobres ou “remediadas” (dos últimos *status* da classe média).

7. Diminutivo aportuguesado do *team* inglês.

“pegador” de “barra-manteiga”, “pula-mula”, etc., colocando novamente suas relações dentro daquele plano.

Portanto, resumindo esta parte, podemos dizer que a vizinhança é a condição e os elementos da cultura infantil tradicional a causa desses agrupamentos – as “trocinhas”. Esse é, esquematicamente, o quadro oferecido pela formação de um dos grupos infantis. Mas pode acontecer que a criança encontre o grupo já constituído e não acompanhe, como nós o fizemos, o seu desenvolvimento. Então, torna-se necessário tentar sua integração ao grupo.

Organização dos grupos infantis

Nesses grupos se iniciam os contatos das crianças com o meio social, de maneira mais livre e íntima. As relações são as de grupos primários, face a face, apresentando-se perfeitamente organizadas e regulamentadas em seus traços mais gerais, havendo, mesmo, sanções punitivas para os transgressores. Como frisamos acima, os indivíduos em interação pertencem ao grupo vicinal. Só dificilmente são aceitos os ádvenas.

Até o fim da primeira infância e às vezes também durante parte da segunda infância, não se verificam círculos fechados entre as crianças do grupo infantil, participando dos folguedos tanto os meninos como as meninas. No início da puberdade, entretanto, a separação torna-se visível; aí, podemos distinguir os grupos infantis femininos e os grupos infantis masculinos, os quais são totalmente fechados a indivíduos de sexo diferente. Essa separação pode ser efetuada antes ou depois, de acordo com a influência dos mais velhos (participantes mais antigos dos grupos que podem iniciar os novos). As próprias crianças de sexo masculino, pois é entre os meninos que a distinção é mais rígida, podem encontrar algumas dificuldades quando pretendam integrar-se ao grupo. Isso porque aqui já há uma consciência grupal, viva e consistente, expressa pelo “nós” coletivo e pela expressão “troça” ou “trocinha” com que os próprios meninos designam o grupo que formam. As meninas, conquanto adquirirem uma consciência de grupo assaz forte, não chegam, geralmente, a viver o drama coletivo do menino, que participa integralmente da vida de seu grupo, como pudemos observar.

Nessa fase, em que procura aproximar-se sempre e somente dos indivíduos do próprio sexo, da mesma idade ou mais velhos, a criança fica muito mais zelosa do seu sexo, valor e relações que os próprios adultos. Como os contatos com os membros mais antigos do grupo valem como uma iniciação à malícia, a diferenciação dos grupos por sexos torna-se ainda mais extrema, não sendo absolutamente permitido meninas nos grupos de meninos ou vice-versa. As relações intergrupais se definem em torno dos indivíduos do mesmo sexo e as relações que qualquer membro do grupo mantenha com pessoas de sexo diferente e da mesma idade, mais ou menos, são encaradas como coisas puramente individuais ou de conquista (namoro, por exemplo).

Há, todavia, transgressores, isto é, indivíduos que brincam num e noutra grupo. Mas são designados pejorativamente entre os companheiros, perdendo a sua reputação dentro do grupo.

No caso das meninas, a situação da transgressora ainda piora, porque os meninos procuram “aproveitar-se” dela, o que transpira logo, colocando-a em posição insustentável (a mãe vem a saber, pelo “falatório” das companheiras, etc.), enquanto o protagonista ou protagonistas masculinos têm, ao contrário, sua reputação aumentada.

O lema da segregação foi consubstanciado na seguinte fórmula:

Home com home
Muié com muié
Faca sem ponta
Galinha sem pé

Os que desobedecem, já sabem: podem ser segregados, recebendo durante muito tempo designações pejorativas. Entre nós, os meninos ficam sendo conhecidos por “mariquinhas”, “maricas”, “fresquinhos”, “fresco de merda”, “veado”, etc.; e as meninas – geralmente só no seu próprio grupo – por “muleconas”. Pareceu-nos, do que observamos, que a situação da menina desajustada é ainda pior do que a do menino, contendo a expressão um significado de desaprovação real, dificilmente contornável.

Essa separação por sexo corresponde ao início de atividades recreativas díspares, quer quanto aos imaturos masculinos, quer quanto aos femininos. Eles passam a orientar-se na escolha dos folguedos, de acordo com as habilidades geralmente consideradas próprias dos homens e das mulheres.

As meninas – as quais têm uma mentalidade grupal menos intensa, como já falamos – caracterizam-se por serem menos violentos os motivos dos agrupamentos. Agrupam-se de acordo com as habilidades femininas, brincando de “mamãe”, de “fazer comidinhas”, fazem “roupinhas” para bonecas, etc., sendo os seus brinquedos quase sempre sedentários. Não dão nome às “trocinhas” e o papel da líder do grupo não é tão ativo como entre os meninos; a líder atua pela presença e mais anima que dirige os folguedos.

As “trocinhas” dos meninos são muito mais ricas quanto à divisão do trabalho e ao espírito coletivo; talvez porque a equipe de futebol geralmente implica uma redistribuição constante de atividades, ao mesmo tempo que coloca o indivíduo como participante de um grupo contra outro grupo. As atividades dos indivíduos sempre são variadas e tendem a aumentar – existe o clube, as regras costumeiras que governam a sua organização e a seleção do presidente, do secretário, do tesoureiro, etc. Para o “cargo” mais importante, em regra, é escolhido o próprio líder. A

eleição regula essas escolhas, que têm em vista as qualidades, e, às vezes, também as posses dos candidatos. O líder, como presidente da equipe, encarrega-se de ministrar os castigos – geralmente corporais e de segregação temporária ou definitiva – aos transgressores das regras. Pode, também, não haver contravenção às regras (por exemplo: não contribuir para a manutenção do “time”, não comparecer aos treinos ou às disputas com as equipes rivais, estragar alguma coisa da equipe, como uma bola de câmara, etc.), mas uma simples falta de “chance” – não aproveitar um passe feliz e chutar a bola fora, *verbi-gratia*. A punição, feita pelo líder, é a mesma, e tanto mais drástica se a sua equipe perder. Todo o sacrifício pela equipe do grupo é pouco e a obrigação geral dos membros consiste em prestigiá-la.

Quando o líder não é o chefe formal, tacitamente todos o consideram o chefe eventual, aparecendo, do mesmo modo, como a alma de tudo. Pode haver outros cargos (quando os membros da “trocinha” podem contribuir, se o líder não guarda o dinheiro, apresenta-se a necessidade de um tesoureiro; do mesmo modo, escolhe-se o treinador, um juiz, o capitão, etc.), aos quais o membro do grupo não se pode furtar, sob pena de ser punido. Aliás, do que observamos, esses lugares são desejados: por isso, só raramente alguém não os aceitaria.

Contudo, nas “trocinhas” não há apenas deveres. Há também direitos, compartilhados por todos os membros, de acordo com sua importância no grupo. Essa importância está em função da força física, da capacidade nos jogos, do dinheiro que possa dar a manutenção da equipe, etc. Os direitos, geralmente, consistem na proteção do membro contra os membros pertencentes às “trocinhas” rivais; podem ser, também, isenção de pagamento da mensalidade da equipe (quando é um elemento indispensável e não dispõe de dinheiro, como verificamos).

Por aí podemos avaliar a importância que assumem as equipes de futebol na vida das “trocinhas” e dos seus membros. Entre o bairro da Luz e o Bom Retiro, num total de onze ruas, estudamos dezesseis “trocinhas”, das quais dez tinham sua equipe infantil! A afeição do imaturo pela sua equipe, entretanto, pode ser melhor avaliada depois que a equipe “arrelaxa”. Referem-se a ela como a coisas importantes e com certa reverência grave, mesmo que em seu lugar já exista outra.

Já vimos dois motivos que podem levar à segregação: 1) desobediência à norma de separação por sexos; 2) punição de qualquer ato relativo à equipe do grupo. Há outro modo de se chegar ao ostracismo, nesses grupos, o qual se refere às disputas entre seus próprios membros. Dois meninos podem brigar, “ficando de mal”. O ato simbólico é o cruzamento dos dedos mindinhos. Então, não se falam um ao outro, executando cada qual os seus papéis nos folguedos, falando-se o menos possível e só o estritamente necessário e convencional. Para “ficar de bem”, o ato simbólico da paz é o cruzamento dos “mata-piolhos”.

Entretanto, a disputa pode ser mais grave, levando à cisão temporária do grupo em dois partidos antagônicos. Além de rara, a cisão dura muito pouco tempo.

Os folguedos de cunho tradicional dão origem: 1) a grupos estáveis e 2) a grupos efêmeros. O segundo caso refere-se a grupos formados ocasionalmente, num convívio ou numa festa, estando antes em função da vontade dos adultos que da criança, quanto à sua duração.

As “trocinhas”, todavia, entram no primeiro caso. Têm uma certa duração e geralmente sobrevivem aos membros que deixam de participar no mesmo grupo vicinal. A sua existência é assegurada por vários anos, quase sempre contando os mesmos elementos ou variando muito pouco. Às vezes acontece, como observamos no Bom Retiro, casos interessantes: as relações de meninos de rua tornam-se amizades sérias entre adultos. O fato é que ex-companheiros de “trocinhas” cresceram e se desenvolveram sempre na mesma área vicinal. O resultado é que hoje, homens feitos, reúnem-se do mesmo modo que antigamente, variando apenas as suas preocupações (vão juntos aos teatros, cinemas, jogos de futebol, etc.); mas aqui, como já salientamos algures, devemos encarar a estabilidade do grupo como um problema de vizinhança. Deste modo, podemos verificar, concretamente, que a “trocinha” quase sempre sobrevive à perda de alguns membros – mesmo o líder.

Sob este aspecto, somos levados a outro problema interessante: a aceitação do recém-vindo, pela “trocinha”. A melhor tática que o novo vizinho pode usar para se aproximar da “trocinha” consiste em se acamaradar com um membro qualquer do grupo, tanto melhor se for o líder. Naturalmente, o candidato tem contra si o *sistema de peneiras* do grupo. Tudo que ele faz é ridicularizado e encarado com um superior desprezo pelos demais, que pejorativamente o chamam de “bicho-novo”. Sua recepção se faz com trotes, xingações e judiações as mais diversas. Entretanto, se conseguir demonstrar que representa uma aquisição valiosa para o grupo, sua integração se processa facilmente. O peneiramento, nestes casos, é feito tendo em vista a força física, a habilidade nos jogos e a facilidade de aceitar o ambiente formado (não reagir às xingações, por exemplo; reagindo, o que pode acontecer é ficar o “bicho-novo” com o xingo como apelido).

Uma mesma área de vizinhança pode conter várias “trocinhas”, agrupando-se os imaturos em qualquer lugar: no meio das ruas, nas calçadas, nos campos, nos terrenos baldios, nos quintais grandes, etc. As meninas, geralmente não passam das calçadas ou dos quintais de suas casas (em alguns bairros preferem designar os seus agrupamentos com outras palavras: “trempe” ou “trepinha”).

Os meninos têm em alta dose o significado de propriedade, aceitando todos os membros das “trocinhas” os limites das áreas ou “zonas” de cada uma. É claro que não determinam qual é esse limite. Mas, entre eles, há uma espécie de convenção tácita, que impede a invasão da “zona” de outros grupos. Com a determinação de sua “zona”, as “trocinhas” recebem um nome (o da rua em que está; ou se há mais de uma “trocinha”, de duas ruas: a “trocinha” da rua da Graça com Correia de Melo, por exemplo).

Essas “trocinhas” ou grupos infantis mantêm relações entre si (disputas de futebol, etc.) e se distinguem em amigas e inimigas. Quando são rivais, designam-se, reciprocamente, com termos pejorativos (na rua da Graça as crianças do grupo de brasileiros chamavam os judeus de outro grupo de “gambás”), e fazem “guerras” entre si. neste caso, para “fazer guerra”, precisam de uma área desabitada e montanhosa – para se atirarem pedras e poderem fazer as “manobras” táticas necessárias. Por isso, esse costume está desaparecendo da cidade. Contudo, os meninos de “trocinhas” rivais do Bom Retiro tiraram muitas vezes “a diferença” nos campos da Ponte Grande, perto do Tietê, aonde iam para “guerrear”, deixando porém os “pichotes”.

Os “pichotes” são os de pouca idade (6, 7 anos, ou menos), que podem ser aceitos e mesmo tolerados, se respeitarem os demais e se submeterem às “judiações” dos mais velhos (as quais podem ser até deprimentes, com aproveitamento sexual), e “não derem trabalho”. Nos jogos com as equipes das redondezas, eles não são levados, porque “chateiam”; quando recebem autorização para acompanhar o pessoal da “trocinha”, devem carregar o equipamento. Geralmente, são melhor recebidos e tratados nos grupos infantis femininos.

Apesar de nosso estudo não ter abrangido todas as áreas ecológicas da capital, acreditamos que, por sua própria natureza (formam-se nas ruas, etc.), as “trocinhas” são, em sua maior parte, constituídas pelas crianças pobres e da classe média. Como as áreas ecológicas não estão rigidamente determinadas entre nós, constantemente meninos da classe rica são postos em contatos com os outros da classe pobre e média (isso relativamente à posição do pai, é óbvio). No Bom Retiro pudemos, entretanto, observar que os meninos de classe pobre e dos *status* mais baixos da classe média se agrupam quase indistintamente, enquanto que os da classe rica e os dos mais altos *status* da classe média constituem grupos fechados, se puderem. Nas zonas residenciais de luxo, os tipos de associação podem variar um pouco, indo deste esquema (brinquedos caros, fiscalização pelas amas ou pelos pais, etc.), contribuindo para um maior isolamento ainda dos “ricos”.

Quando um menino rico pretende integrar-se num grupo onde predominam os meninos pobres ou da classe média, os membros do grupo o recebem mal, avaliando-o negativamente, chamando-o de “mariquinhas” e de “grã-fino”. Sofre a opressão geral porque, disseram-nos, “chateia e é garganta”. Se representar uma aquisição valiosa para o grupo – isto é, se for um elemento aproveitável na equipe, etc. – pode consolidar sua posição com muita rapidez. Doutro lado, o menino pobre ainda encontra mais dificuldades para pertencer a “trocinhas” dos meninos ricos. Talvez por isso os meninos pobres da rua da Graça chamam a “trocinha” dos judeus de “trocinhas dos Bangalôs”, nome com que também designam a sua equipe (*Infantil*).

Nos grupos infantis formados pelas meninas dão mais valor à classe social. Para participar do “grupinho”, a melhor recomendação é ser “rica”. Em certos

lugares, as meninas mais pobres são, mesmo, mal recebidas. Como os grupos variam um pouco de área para área, por causa de sua composição, muda-se paralelamente o sistema de peneiramento, segundo o qual o imaturo pode ser admitido ao grupo, parecendo predominar, entretanto, os padrões democráticos de conduta.

Em relação à nacionalidade, também parecem predominantes os padrões democráticos de conduta. A segregação dos participantes do grupo, racial ou nacionalmente distinguíveis, se faz mais por causa das suas transgressões às normas ou aos conflitos por eles mesmos criados. Talvez haja motivos que facilitem esses conflitos (as “xingações”); entretanto, segundo o que observamos, as relações entre os imaturos, nesses grupos, é de igual para igual, a menos que os elementos etnicamente diferentes queiram fazer predominar os seus pontos de vista ou valores. Nestes casos, há segregação. Como já falamos, os meninos judeus da rua da Graça estão nesta situação, constituindo a “trocinha dos Bangalôs”, ou dos “Gambás”.

A própria natureza do grupo infantil em ação favorece a inexistência de distinções extremas entre as crianças, as quais vivem um mundo próprio, seu, nos folgedos, com uma hierarquia e um sistema de valores exclusivos. Doutro lado, essas distinções não existem no meio social ambiente, a ponto de influir nas avaliações das crianças. O máximo que pudemos observar, relativamente à nacionalidade (quase sempre a dos pais), foi a troca de “xingações”, como as seguintes: judeus, por “gambás”; “brasileiro macaco”; “vendedor de ferro velho”, para os espanhóis (ou simplesmente “ferro velho”, “garrafa vazia”); “carcamano”, para o italiano; “tiçuno”, “pau de fumo”, etc., para o negro; “Tekago na Kara”, “japão”, etc., para o japonês⁸.

8. Entre as ruas Miguel Isasa, Bartolomeu Zunega e Fernão Dias, em Pinheiros fichamos oito “trocinhas”, das quais:

| GRUPO DE | BRANCOS E AMARELOS | SÓ BRANCOS | SÓ AMARELOS | TOTAL |
|----------|--------------------|------------|-------------|-------|
| Meninos | 3 | 1 | 1 | 5 |
| Meninas | 2 | -- | 1 | 3 |

O que mostra a aceitação do traço e a participação de crianças brancas e amarelas nos mesmos folgedos. Relativamente ao negro ainda é melhor a aceitação, como podemos verificar com 22 “trocinhas”:

| GRUPOS DE | NEGROS E BRANCOS | SÓ BRANCOS | SÓ NEGROS | TOTAL |
|-----------|------------------|------------|-----------|-------|
| Meninos | 14 | 1 | -- | 15 |
| Meninas | 4 | 2 | 1 | 7 |

Dados colhidos nas áreas compreendidas entre a Avenida 9 de Julho, ruas Rocha, Peixoto Gomide, Herculano de Freitas e Barata Ribeiro.

Pode-se afirmar, pois, que de modo geral as relações entre os membros dos grupos infantis se orientam segundo padrões democráticos de conduta, quer com relação à nacionalidade, à classe social e à admissão de novos membros, ressaltando-se também uma diferenciação das “trocinhas” à base do sexo. De grande importância para a interpretação do material folclórico recolhido é também a sua caracterização social, embora relativamente indiferenciada e pouco complexa.

3) Os Grupos Infantis em Ação

A estrutura dos grupos infantis é modificada, de acordo com as diferentes atividades. O que vimos, até agora, foi a organização do grupo como grupo, como uma realidade anterior e superior aos próprios indivíduos, aos quais absorve, aproxima e orienta. A estrutura correspondente é muito alterada nos grupos infantis em ação, pois as distribuições dos papéis sociais constituem um verdadeiro problema a ser resolvido quando do início de cada jogo diferente. Mesmo que se fizesse uma distribuição geral, ao se passar de um tipo de folguedo para outro, a necessidade de uma atualização se imporia concretamente. De modo que devemos principiar indagando se existe, de fato, entre os imaturos dos grupos infantis, uma distribuição definida de papéis sociais e como ela é feita.

Esses processos de seleção existem, de fato, na cultura dos grupos infantis e podem ser agrupados sob o nome de formas de seleção. A sua função, nos grupos infantis, é importantíssima, pois possibilita o acordo justamente quando a disputa parece inevitável. Expliquemo-nos. As crianças podem escolher o folguedo de que vão brincar; todavia, a maneira de executá-lo, as palavras e os gestos com que deverão ilustrar seus atos, já estão previamente determinados. O indivíduo apenas executa. Ora, a criança tem preferência por certas posições lúdicas, pretendendo desempenhar as atividades correspondentes, como as de chefe de jogo, por exemplo, do mesmo modo que há outras evitadas, como a de ser o “pegador”.

A finalidade desses folguedos é a recreação. Se cada vez que fosse necessário preencher as posições os imaturos tivessem que resolver, fisicamente, pela “lei do mais forte”, a sua distribuição, o folguedo perderia a própria razão de ser e, com ela, o seu sentido recreativo. Aceitando que o mais forte ocupasse o lugar predileto, ainda restariam as demais posições por preencher. E novas disputas seriam necessárias.

A única maneira de solucionar o problema, compatível com a própria natureza do agrupamento, seria uma seleção que, por si mesma, representasse uma agradável introdução ao folguedo. E foi assim, justamente, que as crianças resolveram o problema da seleção dos membros do grupo, distribuindo-os pelos papéis lúdicos desejados ou repudiados. Essa distribuição pode ser feita do seguinte modo, relativamente aos papéis preferidos:

- 1) o lugar pode pertencer ao líder;
- 2) escolha pelo jogo de pedrinhas, contagem de dedos, cara e coroa.

Do mesmo modo, os lugares repudiados podem ser preenchidos:

- 1) pelo jogo de pedrinhas, contagem de dedos, cara e coroa;
- 2) por meio de fórmulas de seleção, conhecidas por todos.

a) de modo indireto:

(Bom Retiro e Lapa)

Em cima do piano
Tem um copo de veneno,
Quem bebeu morreu.
Anabu, anabu,

Quem sai és tu. Ou: quem sai és tu, puxando o rabo do tatu. Ao que ficar por último correspondem os papéis repudiados, até que, no jogo, se faça substituir por outro;

b) de modo direto:

(Bom Retiro)

Uma velha, muito velha,
Foi contar à minha mãe
Que eu pitava um cigarro
Com o nariz cheio de barro.

Minha mãe me deu uma surra.
Me jogou no taquaral,
Onde tinha muitos bichos:
Eu não pude me salvar.
Pau, porrete, bengala, cacete.

O último em que acaba a sílaba – *te* – fica com o lugar menos desejado.

Feita a seleção, cada um ocupa o lugar que lhe correspondeu por sorte, de acordo com a natureza do folguedo. Como este não pode ser alterado, os elementos folclóricos, além de ser a causa do agrupamento, determinam a própria estrutura do grupo em ação.

Esses folguedos podem ser divididos em dois grandes grupos: 1) que abrange as rodas; 2) que se refere aos jogos. O mecanismo das rodas é muito simples: consiste em um círculo, formado pelas crianças que, de mãos dadas, fazem voltas sobre voltas, a cantar ou não. No centro fica a personagem mais importante do jogo, que dialoga com as demais. Também pode ficar fora, como no “Tororó”, e

depois entra, escolhendo posteriormente o “noivo”, complicando o folguedo com alguns passos simples. Outro folguedo de roda simples: “Ciranda, Cirandinha”, pois é constituído por uma roda unicamente. Depois se complica – e, paralelamente, a distribuição dos papéis – transformando-se em jogo cênico, com o recital. O menos complexo de todos os brinquedos de roda, entretanto, é justamente o que termina pela impossibilidade de continuar sendo uma roda: “A Galinha do Vizinho” (todos acabam no centro!).

Os jogos já são um pouco mais complexos que as rodas, podendo haver disputa entre os participantes. Há jogos cênicos, doutro lado, que poderiam ser colocados, com prejuízo de seu aspecto predominante, entre os jogos sedentários. Os jogos cênicos constituem, sem dúvida alguma, os elementos mais complicados do folclore infantil. A distribuição dos papéis torna-se difícil pelo número de personagens destacáveis, seguindo em linhas gerais o teatro popular. Por isso, são verdadeiras representações, como “Juliana”, “Organdão” etc.

Há, também, outros mais simples, em que a distribuição dos papéis é muito mais fácil, como os jogos sedentários (“Melancia” e “Picoton”; este complica-se também por um bailado, geralmente em solo); nos jogos de saltos (“Saudades”, “Comadre”, “Pula na Mula”, etc.); e nos jogos sedentários e de saltos (como “Margarida Está no Castelo”).

Entretanto, em todos os folguedos, a estrutura do grupo em ação é assegurada pela distribuição das posições e dos papéis lúdicos correspondentes entre os diversos membros, através das formas de seleção.

III – A Cultura Infantil

Nos três itens precedentes, analisamos o material que recolhemos sobre o suporte, por assim dizer, da cultura infantil: a sua base social. Agora, já podemos passar ao estudo dessa cultura. Cultura infantil, aqui, significa, aproximadamente, o mesmo que folclore infantil. A diferença entre “folclore infantil” e “cultura infantil” é pouco sensível. A segunda abrange alguns elementos ou complexos culturais de natureza não folclórica, como o futebol ou a natação, quanto às atividades lúdicas das “trocinhas” de meninos; e certos trabalhos caseiros (confeção de roupinhas para as bonecas, preparação de doces simples, que as crianças aprendem a fazer com maior rapidez, etc.), quanto às “trocinhas” de meninas. A expressão “cultura infantil” é mais adequada, na medida em que traduz melhor o caráter da subcultura que nos preocupa no momento. Ela é mais inclusiva que “folclore infantil” e traz consigo a conotação específica, concernente ao segmento da cultura total partilhado, de modo exclusivo, pelas crianças que constituem os grupos infantis que acabamos de descrever.

1) Processo de Formação da Cultura Infantil

Existe uma cultura infantil – uma cultura constituída de elementos culturais quase exclusivos dos imaturos e caracterizados por sua natureza lúdica atual. Esses elementos são folclóricos, como dissemos acima, e passaram aos grupos infantis muito remotamente. Por isso, é interessante examinar esse processo de formação da cultura infantil e ver quais foram as suas conseqüências imediatas, do ponto de vista científico.

Para esse primeiro passo da análise, assume grande importância o fato de existirem agrupamentos estáveis e organizados de imaturos – as “trocinhas” – que, como grupos sociais que são, sobrepõem-se aos indivíduos que os constituem, refazendo-se continuamente no tempo. A função desempenhada por esses grupos só a valoriza, realmente, quem tenha prática de trabalhos de campo desta natureza. Continuamente vê-se o pesquisador diante de fatos folclóricos ainda não registrados e então se aproxima do grupo das crianças e pergunta a uma delas onde aprendeu aquele brinquedo. A resposta vem pronta e imutável: “aprendi na rua”. E é só. Algumas são capazes de juntar a essa indicação o nome de uma ou outra companheira, a qual, por sua vez, responde o clássico – “aprendi na rua” que, em última análise, quer dizer: “aprendi no grupo infantil”.

E por que isso? Porque, é claro, há uma cultura infantil, cujo suporte social consiste nos grupos infantis, em que as crianças adquirem, em interação, os diversos elementos do folclore infantil. Contudo, não esclarecemos, completamente, a pergunta, pois ainda é possível outra suposição: e de onde vêm estes elementos da cultura infantil?

Em grande parte – a quase totalidade – esses elementos provêm da cultura do adulto. São traços diversos da cultura animológica que, abandonados total ou parcialmente, transferem-se para o círculo infantil, por um processo de aceitação, incorporando-se à cultura do novo grupo. O mecanismo, pois, é simples: são elementos da cultura adulta, incorporados à infantil por um processo de aceitação e nela mantidos com o correr do tempo.

Os exemplos esclarecedores multiplicam-se. Vejamos apenas alguns.

Boa parte dos elementos constitutivos da cultura infantil são restos de *romances velhos*, hoje transformados em jogos cênicos, como “A Noiva”, “Organdão”, “Juliana”, etc.; ou antigas danças coreográficas, como “A Canoa Virou”, o “Picoton”, “Passei pela Barca”, “Ciranda a Roda”, etc.⁹ Todas essas composições são antigas. Os romances velhos datam do século XVI, mas há composições anteriores, e outras mais recentes (danças coreográficas), do século XVIII.

9. Como fazemos uma análise dos elementos da cultura oral, na Parte II, é inútil prolongarmos a análise destes aspectos, citando extensivamente.

Todas essas composições restringem-se aos círculos dos adultos e só posteriormente passaram para os grupos infantis. Transferiram-se por aceitação, como falamos, aos grupos infantis e através desse mecanismo do “aprendi na rua” conservam-se até hoje, séculos ou dezenas de anos depois, conforme a composição. O notável, nisso tudo, é que a maioria dessas composições já desapareceu entre os adultos, mesmo em Portugal, permanecendo, entretanto, entre as crianças.

É verdade que, em alguns casos, várias dessas composições se apresentam muito modificadas, irreconhecíveis quase, quanto à forma; também é certo que se deslocaram – no tempo e no espaço – de meio e de posição (de Portugal para o Brasil e dos grupos de adultos para os infantis); contudo conservaram a mesma função social, congregando os valores sociais e tradicionais padronizados e os transmitindo, pela recreação, aos indivíduos, membros da mesma sociedade. Neste caso são as crianças que, dessa forma, asseguram a continuidade tradicional, através dos elementos da sua cultura, continuidade essa posta em crise pelo desaparecimento absoluto ou parcial daqueles traços na cultura adulta.

Mas há outros elementos na cultura do grupo infantil. Nem tudo corresponde a coisas relativas ou provenientes da cultura dos adultos. Os próprios imaturos também elaboram, é óbvio, parte dos elementos de seu patrimônio cultural. Alguns desses elementos foram, mesmo, estruturados sobre moldes fornecidos pela vida interativa da “gente grande”. Essas criações, todavia, se institucionalizaram, posteriormente, podendo ser aprendidas nos grupos infantis, como acontece com os elementos aceitos da cultura do adulto. Tornaram-se, por sua vez, traços folclóricos, coisa cristalizada e tradicional. O papel da criança consiste em recebê-los e em executá-los: e as modificações são, como todas as outras do domínio do tradicional, lentas e inconscientes. Exemplos dessas criações – que supomos infantis – são os brinquedos como “Papai e Mamãe”, “Banqueiro”, “Polícia”, “Melancia”, “Fitas”, etc., quase todos calcados sobre motivos da vida social.

O interessante nesses brinquedos, é que, justamente por causa da ação despersonalizadora sofrida no tempo e através dos vários grupos infantis, de criança a criança, se referem mais a funções sociais, a entes gerais, que a pessoas ou atos indicáveis a dedo, reconhecíveis. As crianças abstraem, por isso, da pessoa A, B ou C, para falarem de *pai*, *mãe*, *banqueiro*, etc. de modo genérico, desempenhando nos folguedos as suas funções e preservando, apenas, o conteúdo social que as relações entre indivíduos implicam. Nos brinquedos desse gênero, como “papai e mamãe”, nós não podemos reconhecer o pai da criança Pedro, ou Paulo, ou Maria; o senhor fulano de tal desaparece porque, de fato, o que a criança tem em mente é executar um folguedo que ela aprendeu em contato com seus companheiros e para ela, no momento, o seu pai não existe. No ato de brincar de “papai” a única coisa importante, para a criança, consiste na função social do *Pai*, padronizada segundo as representações sobre o chefe da família ainda meio patriarcal,

senhor absoluto do lar e centro da vida doméstica, a quem todos devem obediência e respeito extremos.

Outro folguedo, como o de “casinha”, em que podem entrar elementos materiais (“móveis”, “utensílios”, etc.), do mesmo modo: o genérico predomina. O brinquedo é idêntico em todos os lugares, variando apenas o número de participantes, coisa secundária e ocasional, e a qualidade dos “móveis”, “utensílios”, etc., que dependem mais das posses das crianças que, propriamente, da maneira de brincar.

Esses fatos têm conseqüências científicas de grande valor, porque não só implicam a necessidade de se aplicar os mesmos processos analíticos a que obedece o estudo dos demais grupos aos grupos formados pelos imaturos, como já propôs Piaget (1932, p.2). Mas, também, porque representam elementos concretos, necessários à revisão de certos postulados puramente teóricos.

Então neste caso os psicossociólogos, como Tarde, Mac Dougall e os autores que têm a mesma perspectiva dos fatos relativos às crianças. Consideram-nas simples reflexos dos atos dos adultos, como se copiassem, meramente, os atos dos adultos ou apenas retivessem os efeitos produzidos por esses atos. Em condições idênticas aos adultos, poderiam ser conduzidas à ação em virtude de terem retido, no espírito, os efeitos dos atos observados.

Essa visão teve conseqüências funestas do ponto de vista científico, retardando a análise objetiva dos grupos infantis até hoje. Mesmo alguns sociólogos – que fizeram o estudo da educação como processo social – adotaram essa atitude, nos célebres trabalhos de gabinete.

Um simples contato com a realidade, através de trabalhos de campo, nos coloca numa posição completamente diversa, levando-nos a distinguir, na vida social da criança, atos que se caracterizam por serem intermentais (ação direta dos pais sobre os filhos, dos professores sobre os alunos, dos adultos em geral sobre os imaturos), de outras aquisições que superam as esferas individuais, aparecendo como produto de um processo mais ou menos longo, de socialização desses imaturos, em situações de convivência regulada por sua própria vida social.

De fato, em que consiste a imitação? Em copiar ou reproduzir, um indivíduo A, as ações de outro indivíduo B. Mesmo não se aceitando como cópia, no sentido restrito, e admitindo-se que B – através de percepção cognitiva – reproduza o ato após ter apreendido o seu significado, como o quer Ewer, o problema não se põe objetivamente, porque imitação, de qualquer modo, significa interação mental¹⁰. E não é, especificamente, esse o fenômeno. Além das situações localizáveis dentro do campo restrito da interpsicologia, há um campo muito rico e ainda pouco

10. Veja-se Arthur Ramos (1936); Mac Dougall (1934); L.L. Bernard (1927); etc.

estudado, o qual coloca os grupos infantis em equivalência com os grupos parquiais, escolares, familiares, etc., quanto à socialização da criança, agindo no mesmo sentido que estes na formação do “ser social” e no desenvolvimento da personalidade dos imaturos¹¹.

Sabemos que o lugar não é oportuno para discussões desta natureza. Mas acontece que vários autores (alguns entre nós) consideram os folguedos⁸ como aspectos da imitação do adulto, por parte da criança, e, conforme vimos, a criança não está copiando quem quer que seja em seus folguedos, porque estes folguedos pertencem ao patrimônio cultural do grupo e já estão suficientemente despersonalizados, pela duração no tempo e pelas transmissões sucessivas de grupos, para não lembrar nenhuma pessoa designável a dedo, A, B ou C. Nos folguedos “Papai e Mamãe”, por exemplo, a criança não imita o pai ou a mãe, mas executa as funções que lhes são atribuídas por sua posição e pelos seus papéis sociais, segundo a padronização da cultura ambiente. Além disso, os atos do pai têm um significado real, dentro do grupo familiar, profissional, religioso ou vicinal em que ele age: correspondem a necessidades relacionais, rituais ou técnicas. São atos pessoais, de que a criança poderia dizer: “Meu pai fez isto. Eu também fiz, porque o vi fazer”.

Contudo, não é o que acontece, graças ao mecanismo de transmissão dos traços culturais do grupo, havendo antes uma aquisição das funções, que uma imitação dos indivíduos. E esses traços, como vimos, vêm em linha horizontal do passado: dos romances velhos ou outras composições da antiga Ibéria e das próprias fontes dos círculos infantis.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Fernando de. *Sociologia Educacional*. São Paulo, 1940.

BLANCHARD, P. *The child and society*. Nova York, s.d.

BERNARD, L.L. *An introduction to social psychology*. Nova York, 1927.

DURKHEIM, Émile. *Educação e sociologia*. São Paulo, s.d.

FERNANDES, Florestan. Folclore e grupos infantis. *Sociologia*. v. IV, n. 4.

FERNANDES, Florestan. Educação e cultura infantil. *Sociologia*. v. V, n. 2.

FERNANDES, Florestan. *A educação nos grupos infantis*. Conferência pronunciada no auditório da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, dia 13.08.1943.

LOWRIE, Samuel. *Ascendência das crianças registradas nos parques infantis*. São Paulo, Departamento de Cultura, s.d.

11. Que se contrapõe ao “ser individual”. Veja-se E. Durkheim (s.d.); Fernando de Azevedo (1940).

- MACDOUGALL, W. *An introduction to social psychology*. Cambridge, 1934.
- PIAGET, Jean. *Le jugement moral chez l'Enfant*. Paris, 1932.
- RAMOS, Arthur. *Introdução à psicologia social*. Rio de Janeiro, 1936.
- RAUM, O. F. *Chaga childhood*. Londres, 1940.
- WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais do Brasil*. São Paulo, 1940.